

Sociologia digital ou sociologia *do* digital?¹

Serge Katembera Rhukuzage²

A partir do momento em que as democracias ocidentais decidem dar conta da questão da inclusão das minorias como indicador de sua qualidade, a problemática da visibilidade dessas mesmas minorias se torna central e inelutável. O advento da internet como fenômeno cultural e, talvez, civilizacional apenas reforça tal constatação. Venho dedicando boa parte das minhas reflexões e dos meus trabalhos às noções do reconhecimento e de visibilidade nas democracias ocidentais, as quais me levaram a adotar cada vez mais o impacto da internet e das práticas culturais que ela propicia como objetos de estudo privilegiados.

Não se pode negar que a internet organiza hoje boa parte das práticas de solidariedade, de agressão, de inimizade, de compartilhamento de afetos ou de aplicação de políticas públicas da vida contemporânea. Ela se tornou o instrumento de mediação das relações humanas. Como sinaliza Vaz (1999), as Novas Tecnologias, bem como a internet, introduzem novas sensibilidades na experiência humana, elas transformam, entre outros aspectos da vida social, nossa experiência do tempo e do espaço (BEAUDE, 2017). A relação entre o usuário e a máquina é uma das esferas onde essas novas mediações se fazem mais presentes. Aqui, consideremos a relação que os usuários estabelecem não só com as máquinas em si, mas também seu envolvimento afetivo e suas impressões sensoriais com diferentes interfaces, cuja intensificação da diversidade se materializa nos milhões de aplicativos de celulares, sites de internet e plataformas de *gaming* disponibilizados no mercado. Além disso, os usuários vivenciam uma relação singular com os artefatos digitais mediada por uma estética visual cativante. Aliás, me parece evidente que o fator de deslumbramento estético do usuário pelas

¹ Se este texto tivesse sido escrito em francês, levaria no lugar do adjetivo “digital” o termo *numérique*. Na literatura sociológica francesa, é usual a adoção da nomenclatura *Sociologie du numérique* para se referir a esse subcampo da sociologia que se dedica a estudar fenômenos sociais e culturais relacionados às transformações que as Novas Tecnologias produzem na sociedade. O termo *numérique* se refere evidentemente ao sistema binário que serve para representar funções e operações de programação computacionais a partir dos circuitos eletrônicos digitais. De modo que se fala em *Economie numérique*, *identité numérique* ou *criminalité numérique* para se referir a todos os fenômenos mediados pelo uso dos computadores.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4474-1738> E-mail: skatembera@gmail.com

interfaces das plataformas digitais vem sendo subestimado pelos analistas do fenômeno da economia da atenção.³

Buscando compreender de que forma a internet ampliava os espaços públicos nos quais as minorias poderiam se inscrever enquanto cidadãos, procurei analisar nos últimos sete anos os processos pelos quais os cidadãos africanos apossavam-se das Novas Tecnologias como forma de aprimorar suas experiências democráticas. Dessa forma, no âmbito da minha pesquisa de mestrado, analisei a emergência de um espaço público digital em África a partir de uma plataforma de blogueiros e ativistas digitais. Estudei as formas como eles se inscrevem nos debates políticos de seus respectivos países, de que maneira eles se representam em seus blogs e constroem suas identidades, como também estudei as relações de trabalho que organizavam sua colaboração com os criadores e idealizadores da dita plataforma.⁴

Em seguida, já na etapa do doutorado em Sociologia, venho me dedicando ao estudo de diversas plataformas de ativismo digitais africanos com atuações transnacionais focando especialmente no sentido que os ativistas elaboram para definir suas ações. Essas pesquisas me levam a ensaiar uma reflexão acerca dos rumos que o campo da sociologia digital, como já é usualmente chamado (NASCIMENTO, 2015), vem trilhando na última década, especialmente no tocante às questões metodológicas e epistemológicas.

A constatação da transformação radical das relações sociais agora mediadas por novas tecnologias e mídias sociais digitais nos obriga a pensar o alcance dessa dinâmica do ponto de vista das ciências sociais; isso de duas formas. Em primeiro lugar, precisamos nos perguntar se essas mudanças afetam de maneira decisiva a forma como produzimos o conhecimento sociológico; e em segundo lugar se ela se limita ao mundo observado e não afeta a natureza das ciências sociais em si.

De qualquer forma, como veremos, é possível que, mesmo na eventualidade dessas duas hipóteses serem apenas parcialmente exatas, a fronteira entre as duas realidades seja tênue. Há algumas décadas, diferentes sociólogos e pensadores das Ciências Humanas indicam a iminência de uma transformação radical no modo de produzir o conhecimento sociológico.

³ Economia da atenção se refere a um campo da economia que vem ganhando destaque na interseção dos estudos da neurociência, do marketing, do ativismo político e das tecnologias digitais, tendo como ponto central a disputa, a captura e gestão da atenção e do tempo dos consumidores para atender, principalmente, às demandas dos operadores da publicidade. Para aprofundar o tema, ver, por exemplo, Citton (2013, 2014).

⁴ Além da minha dissertação do mestrado intitulada “Novas mídias e empoderamento na África francófona: o caso de uma plataforma de blogueiros - Mondoblog do Atelier des Médias/RFI”, ver também, MATOS e KATEMBERA. Informação terceirizada, 2015.

Tanto Peter Wagner (2009) como Wendell Bell (1999) advogam a favor da inclusão de novos instrumentos de pesquisa que até agora sofrem uma forma de ostracismo dentro das ciências sociais por causa da natureza dessas últimas e também pela resistência da área em incluir as Novas Tecnologias em seu dia a dia.

Wagner, por exemplo, compreende os avanços da sociologia, uma disciplina que fortaleceu seu campo ao especificar seu objeto principal, isto é, o “social” que existe nas relações humanas bem como a sociedade em si. Mas ele não deixou de apontar outros caminhos que o campo precisa percorrer. Ao contrário, Nascimento (2015) mobiliza uma série de argumentos que atestam um suposto estado de crise no qual a sociologia estaria emaranhada. Fala-se então de uma “lacuna conceitual” no campo ou da “estagnação das ciências sociais”. A esses problemas estruturais, o autor propõe diálogos multidisciplinares e a formação de sociólogos que tenham “habilidades socio-tecno-lógicos” (idem, p. 236).

É verdade que sociólogos clássicos como Weber ou Durkheim utilizam conceitos como o “social”, o “relacional”, o “coletivo” para especificar seu objetivo. Ou então, acompanham seus textos de um leque de conceitos ontologicamente similares: nação, classe, Estado; isto tudo para mostrar a importância de se estudar esse “elemento” que transcende o indivíduo, mas que se manifesta decisivamente nele. No entanto, o campo parece apontar para a necessidade de ampliação tanto dos conceitos quanto dos instrumentos de pesquisa.

Autores mais contemporâneos se debruçam tanto metodologicamente como conceitualmente a noções como funcionalismo ou estruturalismo. Porém, o avanço aqui trata de incluir as Novas Tecnologias como objetos da pesquisa sociológica. É fato que elas afetam aspectos da vida muito amplos tais quais as questões da reprodução da espécie, e com isso, redefinem até mesmo noções como a do indivíduo.

Velhos métodos e novos objetos?

Podemos ir além e considerar que a virtualização da vida social redefine nossa compreensão do que é existir no mundo atual. Devemos considerar, entre outros, fenômenos como a instantaneidade da produção da informação e do conhecimento. Uma nova percepção do espaço (VAZ, idem) e do tempo: estar presente socialmente *online* é diferente de estar presente na praça pública interagindo com as pessoas em comunicação face a face. As duas dimensões podem até mesmo ser contraditórias em alguns momentos. Pessoas com forte

presença social virtualmente costumam ser menos visíveis e atuantes na vida *off-line*. A marginalização ou o isolamento social na vida *off-line* pode se traduzir, em certos casos, em forte presença e capacidade de influência *online*. São os contrastes que produzem a virtualização da vida e que a sociologia precisa considerar.

As transformações são tão importantes que questionam até mesmo o que é existir nos dias atuais. Os modos de existir entre indivíduos conectados obrigam a pensar e atualizar as abordagens teóricas das Ciências Sociais em geral. Justifica-se uma redefinição do conceito do social considerando a vida em dupla dimensão *on-off*; uma vida mediada pela intensificação do uso das mídias sociais e das plataformas graças notadamente às políticas neoliberais de privatização e abertura de mercados de distribuição dos artefatos tecnológicos digitais.

As Novas Tecnologias e as mídias sociais digitais transformam a sociedade ao ponto de estabelecerem novas mediações sociais onde fica cada vez mais difícil definir o grau de autonomia da ação humana quando considerado o impacto dos algoritmos sobre o comportamento dos indivíduos *online*. Glassey (2017, p. 59), por um lado, afirma que os algoritmos constroem as relações sociais *online*. Regattieri (2019), por outro, mostra que robôs e humanos adotam comportamentos em redes que informam mais sobre os “modos de circulação das informações nas redes do que sobre suas respectivas naturezas”. Dessa forma, a autora se pergunta quão humanos são os comportamentos dos robôs virtuais e quão robóticos são os comportamentos dos humanos nas redes sociais. Na raiz dessa indagação está outra constatação importante da lógica de circulação de informações nas redes sociais, a saber o lugar da chamada “viralização”. A mesma estaria relacionada ao fato de que os algoritmos digitais estão configurados de modo a privilegiarem certos tipos de interações; de tal forma que a autora se pergunta: “por que os humanos não são suficientemente radicais para os robôs?” (REGATTIERI, 2019).

Por outro lado, essas mudanças no “mundo da vida”, por assim dizer, também nos levam a considerar seus efeitos no ofício do sociólogo, principalmente no campo da metodologia onde a virtualização também é presente e sentida. Do ponto de vista teórico e da prática, as mudanças estão cada vez mais presentes na forma de coleta de dados e da conceitualização dos fenômenos sociais, bem como em seus modos de justificação.

Métodos virtuais de coletas de dados são introduzidos, softwares de tratamento de dados qualitativos como NVivo e Atlas.ti tornam-se cada vez mais populares entre os pesquisadores. Se é verdade que não criam necessariamente práticas inéditas na forma de tratar os dados, na

medida em que consistem basicamente em organizar, reagrupar, indexar os dados obtidos em diferentes formatos e suportes (mídias, áudios, imagens, fotografias, textos, etc.), e organizá-los em pastas; eles são a sofisticação e a otimização de técnicas que antes eram feitas manualmente (BEAUDE, *idem*). É lendária e notória o uso de milhares de fichas por Florestan Fernandes. Em todo caso, o sociólogo ganha tempo e tem um “assessor robotizado” em sua tarefa de tratamento de dados no dia a dia da pesquisa. Não se trata de substituir o pesquisador humano, embora a robotização também produza essa psicose em diversos campos profissionais, entre os quais a sociologia.

O debate referido precisa também considerar a questão da suposta separação entre o virtual e o real e as formas como interagem, assim como os significados que ganham para os atores sociais. É um debate que precisa ser feito do ponto de vista do método, da metodologia e da epistemologia (HARDING: 1998). Considerando a questão da percepção do espaço e do tempo, temos que examinar essa especificidade do mundo virtual e sua interação com o mundo *off-line*.⁵

Em outra instância, do ponto de vista da epistemologia, discute-se, por exemplo, o papel da mulher na formação da cultura digital ou na criação das Novas Tecnologias. O que se propõe aqui é contemplar que elas são agentes e sujeitos sociológicos desses processos. A fratura tecnológica de gênero precisa ser analisada como uma questão metodológica e epistemológica essencial da sociologia contemporânea. Isto supõe questionar as desvantagens estruturais que se operam nesse campo da tecnologia e reproduzem os arranjos sociais e as hierarquias sociais que instauram relações de poder onde a superioridade masculina é reproduzida. Em outra instância, a questão do racismo e da etnicidade começa a ser central nos debates sobre concepções de algoritmos que estruturam as redes sociais na internet (SILVA, 2020).

Para a socióloga Larissa Pelúcio (2015), os desafios para o campo do estudo das mídias digitais são também de ordem ética e metodológica. Trata-se de reinventar técnicas já consolidadas na área, como por exemplo a etnografia, dando-lhe um contorno mais adequado ao objeto. Daí que certos pesquisadores usam a netnografia⁶ como um método específico para

⁵ De certa forma, é quase inoperante o uso do binômio virtual/real para estabelecer uma distinção entre as duas esferas. Primeiro, considero essa distinção como sendo parcial. Em segundo lugar, os binômios *virtual/off-line* ou *online/off-line* me parecem mais operantes e capazes de apreender a realidade das sociabilidades contemporâneas que uma simplificação do objeto, se os conceitos usados forem os supostos opostos virtual-real.

⁶ Por certo, o grande limite da netnografia, enquanto método de pesquisa empregado no marketing digital e posteriormente adotado por antropólogos e sociólogos, consiste em não tomar em conta a importância dos algoritmos na determinação de partes das escolhas dos usuários das plataformas digitais, especialmente sobre suas

a pesquisa nas plataformas digitais. Para Pelúcio, a pesquisa das mídias sociais supõe “gozo e imersão”, isto é, um investimento total do pesquisador tal como o faria um etnólogo. Esse investimento é também psicológico; ele exige um engajamento pleno e a “manutenção” da rede. Em outras palavras, às vezes compete ao sociólogo manter o campo “vivo”. Isto implica igualmente interpretar a linguagem das redes digitais e seus códigos estéticos; incorporando, por exemplo, a linguagem multimodal dos memes nas suas práticas comunicativas diárias (CANI, 2019; GUERREIRO & SOARES, 2016).

O caso da pesquisa do sociólogo brasileiro Richard Miskolci nos permite enxergar concretamente a difícil separação entre os mundos virtuais e *off-line*. O pesquisador fez uma etnografia aplicada às práticas digitais numa comunidade virtual de relacionamento entre pessoas que se identificavam como gays. O grupo focado não se localizava apenas virtualmente, tratava-se de um grupo localizado na cidade de San Francisco, num bairro gentrificado, de acordo com o próprio pesquisador. Durante a pesquisa, Miskolci utilizou várias técnicas tradicionais da etnografia como as longas entrevistas com os atores sociais que ele identificava graças a um informante.

O que chama particularmente a atenção é o fato que a imersão de Miskolci no campo foi ao mesmo tempo virtual e *off-line*. O pesquisador passou vários meses acompanhando seu informante nos encontros e se aproximando com os diferentes atores, essencialmente a partir de convívio e da observação do grupo alvo. A indicação do tipo social do bairro é significativa porque informa sobre o perfil socioeconômico do pesquisador. Uma característica desse trabalho é justamente questionar o tempo todo a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa.

Outra característica dessa pesquisa diz respeito à condução das entrevistas; longas, profundas, de pelo menos três horas de duração; ele manteve contato com alguns dos entrevistados e colaboradores. Miskolci deixa claro que não participava das interações, de modo que define seu papel como uma “observação acompanhante”. Em todo caso, temos uma pesquisa sobre práticas digitais e sociabilidades virtuais que, tanto no método utilizado na coleta de dados quanto nos tipos de interações que os atores sociais praticam, aponta para a inexistência de uma fronteira clara entre as esferas virtuais e *off-line*.

escolhas de consumo. Em geral, o pesquisador não confronta o usuário da plataforma a respeito de seus conhecimentos sobre o funcionamento dos algoritmos que orientam suas escolhas de consumo.

Ademais, o pesquisador desenvolve uma discussão acerca dos problemas que encontrou durante a pesquisa, assim como os conflitos relacionados à sua convivência com os agentes sociais. Ele debate a problemática da diversidade da amostra, interroga as questões étnico-raciais, tensiona as relações de classe social e aborda o tema da autoidentificação de gênero. A percepção da masculinidade e da homossexualidade também é foco de sua discussão, e além disso, acrescenta uma dimensão comparativa com a percepção do homem gay nas comunidades de São Paulo, que é sua cidade de origem. Há uma corporalidade expressada pelo indivíduo gay em São Paulo que é diferente da esperada nessa outra comunidade objeto de pesquisa em San Francisco, e ela se revela, neste último caso, menos conflitiva, de acordo com Miskolci.

Tecnologia, ensino e yout-uberização

A questão do ensino da sociologia também deve ser revisitada neste novo contexto. Mudanças e usos das novas tecnologias precisam ser incluídos no ensino, na pesquisa e na divulgação científica da sociologia, fazendo-se necessário combater o ceticismo tecnológico que reina no campo (NASCIMENTO, *idem*). Concretamente, é necessário levar em conta o fato que a Sociedade da Informação, tal qual foi teorizada por intelectuais como Manuel Castells, já operou uma nova mutação e se tornou uma Sociedade de Dados, isto é, uma sociedade caracterizada pela produção massiva – voluntária e involuntária – dos dados (LYON, 2018).

Faz-se urgente, portanto, a atualização das teorias contemplando esse quadro de produção massiva de dados, renovando também autores e quadros metodológicos. A mutação epistemológica é tão importante que incide na formação de outras subáreas ou campos devidamente autônomos; pelo menos, assim o pretendem. Eles são tão distintos e diversos quanto essa lista não exaustiva: sociologia do trabalho digital, análise de dados digitais (qualitativos e quantitativos), impacto das mídias e redes sociais, crítica social partindo de novas teorias, sociologia do jornalismo digital. Está cada vez mais comum o uso de códigos informáticos que permitem a centralização da busca por palavras-chaves nesse mar de dados no qual estamos submersos a cada dia (NASCIMENTO, 2015; BELL, 1999).

As próprias ferramentas de divulgação científica se diversificaram com a mesma velocidade. Há algumas décadas, revistas acadêmicas eletrônicas não eram usuais, e sem dúvida a convergência digital foi operada em praticamente todas as áreas do conhecimento. Se as

revistas impressas persistem em alguns casos como ilhas de resistências e de distinção, um pouco à maneira da célebre aldeia gaulesa criada por René Goscinny e Albert Uderzo e que sempre resiste à invasão romana, o campo científico em sua totalidade já adotou a migração para as plataformas digitais. Além disso, plataformas como Twitter, LinkedIn, Academia.Edu e outras servem como espaço de divulgação científica, de disputa de campo e de fortalecimento de redes. Claro, existe também o risco de uma yout-uberização⁷, mas ela não deve servir de espantalho para os novos pesquisadores. A sociologia está inserida num contexto social em que a justificação da pertinência e da necessidade social de uma disciplina perante o grande público se faz cada vez mais existente. Ao contrário do que argumenta Nascimento (2015), não me parece que o risco que corre a sociologia se situa exatamente na sua resistência em adotar o uso das Novas Tecnologias em seu ofício. Acredito que a sobrevivência da área depende precisamente dos modos de justificação que a sociedade exige cada vez mais dela e que está chamada a produzir.

Portanto, é politicamente importante ocupar esses espaços de divulgação e construir uma espécie de adesão social a favor do campo. Em última instância, isso implica que os sociólogos desenvolvam pesquisas que investiguem as práticas de pesquisa na sociologia.

Por isso, as advertências de Bell (*idem*) fazem sentido hoje, pois identifica algumas das fragilidades que caracterizam as ciências sociais e especialmente a sociologia, como, por exemplo, a falta de formação de consenso quanto aos problemas mais importantes ou os objetivos comuns a serem perseguidos. Nem existe, segundo Bell, um campo de conhecimento padrão. Além disso, o autor adverte que essa falta de consenso e unidade científica torna a sociologia vulnerável à politização. A crítica programática de Bell preconiza finalmente a formação de um consenso na área para evitar uma “balcanização”, sendo importante reduzir barreiras disciplinares, portanto, abrir-se cada vez mais para a interdisciplinaridade (BELL, *idem*).

Por certo, um dos campos mais estabelecidos nas ciências sociais é a sociologia do trabalho que, nos últimos anos, vem se interessando nas mutações operadas na esfera do trabalho digital. Para os sociólogos, o fenômeno de uberização reflete uma tendência geral de

⁷ O fenômeno da uberização já foi debatido por autores como Ricardo Antunes ou Evgeny Morozov (2018). Ele define os novos regimes de precarização do trabalho na era do neoliberalismo e da economia digital, também chamada de capitalismo das plataformas. Identifico uma convergência das práticas e dos usos entre a forma mais conhecida como uberização e a monetização cada vez mais frequente na plataforma Youtube ao qual os sociólogos estão cada vez mais submetidos.

precarização do trabalho que passa por um suporte legal nos regimes neoliberais (ABÍLIO, 2017). Para Abílio, trata-se de uma nova configuração da terceirização do trabalho onde o trabalhador é tido como um “*nanoempresário-de-si permanentemente disponível*” (ABÍLIO, idem). Como lembra a autora, o conceito de uberização não se restringe ao aplicativo Uber que opera na área da mobilidade urbana; ele se refere a diversos regimes de precarizações nos mais variados campos profissionais.

Entretanto, gostaria de introduzir esse novo elemento explicativo que considera justamente a dimensão do trabalho não-móvil igualmente precário e que se baseia essencialmente na economia da atenção.⁸ Me refiro precisamente às plataformas de produção de conteúdos digitais, das quais o Youtube aparenta ser a máxima expressão e que se diferencia do Uber tanto em escala (número de usuários alcançados) quanto em sua especificidade operacional (economia da atenção). Daí o uso do termo que proponho, yout-uberização, na medida em que amplia o escopo das atividades concernidas por esses novos regimes de precarização do trabalho e da experiência vivida. A yout-uberização, em última instância, indica um movimento e/ou uma mutação; a qual se percebe na utilização do sufixo “*ização*” como no caso de uberização. Não é à toa que Abílio a define como uma *tendência*⁹ de reorganização de trabalho, ou seja, o processo em si está inacabado e segue seu curso.

Em defesa de novas epistemologias

Uma discussão séria sobre os rumos da sociologia na era digital precisa ir um pouco mais longe se pretende ser consequente com as mudanças estruturais de seu tempo. É verdade que as redes sociais e os fóruns digitais conhecidos como Web 2.0, em sua dupla dimensão que implica existência de plataformas e participação, promovem certa democratização das interações, mas se pode omitir o fato que elas não apagam as relações de poder existentes na sociedade.

É preciso identificar até que ponto a ideia de horizontalidade das redes é autêntica. Quais relações existem entre as redes sociais e a rua? As relações *online* têm o poder de pautar a vida pública *off-line* e vice-versa? Ademais, é importante repensar as relações de subjetividades num mundo em que as mídias sociais se tornaram tão centrais. Em especial, há uma reconfiguração

⁸ A economia da atenção opera especialmente no regime da economia digital. Ver a nota (1) e (3).

⁹ Grifo meu.

da dicotomia público/privado que precisa ser problematizada à luz dessas novas especificidades. Isto significa que a noção de territorialidade também seja refundada.

Do ponto de vista da terminologia, a noção de “Sociologia digital” adquiriu certa visibilidade e relativa autonomia no campo da Ciências humanas. Essa autonomia se deve essencialmente aos esforços de vários sociólogos de se fortalecerem no campo; o qual é sujeito a disputas por influência e prestígio. A própria sociologia tem funcionando como um campo onde os pesquisadores precisam advogar, por assim dizer, em benefício de seus interesses de pesquisa, fortalecer laços e redes na área e eventualmente se tornarem um grupo central e pertinente no campo.

Igualmente, há de se considerar a dimensão epistemológica que as Novas Tecnologias e as mídias digitais introduzem não só no dia a dia do ofício do sociólogo como também no estilo de vida da sociedade, de tal modo que a noção de “Sociologia *do* digital” não parece ser suficiente para dar conta do escopo dessas transformações. Até que ponto, a análise de Harding (1998), que identificou no campo do feminismo as possibilidades de uma nova epistemologia preocupada em posicionar a mulher como sujeito central e privilegiado do pensamento sociológico, nos ajuda a elucidar nosso problema? A mesma autora apresenta mais resistências no que se refere à existência de reais invenções em termos de métodos de pesquisa e técnicas de coletas de dados; ponto de visto que no presente caso deve ser relativizado. Essencialmente, como debati até aqui, repetimos e remodelamos as técnicas tradicionais de coleta de dados, especialmente da etnografia; nós as aperfeiçoamos. As ferramentas técnicas que o mundo digital nos proporciona reduzem as dificuldades de acesso às fontes e a organização dos materiais coletados, mas também trazem inovações consistentes como, por exemplo, o uso de códigos informáticos no tratamento de dados pessoais produzidos em massa nas redes sociais digitais, o uso de aplicativos digitais como Skype ou WhatsApp na coleta de dados¹⁰, principalmente reduzindo a distância entre o pesquisador e seu objeto.

Ainda do ponto de vista da epistemologia, não podemos esquecer as recentes intervenções de pesquisadores negros que têm chamado a atenção para o racismo algorítmico

¹⁰ Os recentes trabalhos de Letícia Cesarino no campo da antropologia, explorando o universo das fake news nos grupos de WhatsApp pro-Bolsonaro trazem exatamente essas inovações em termos de técnicas de coleta de dados e de metodologia. Ver para maiores detalhes em CESARINO, Letícia. (2019). **Identidade e representação no bolsonarismo**. *Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal*. (Revista de Antropologia [USP], 2019), <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>; e em CESARINO, Letícia. (2020). **Como vencer uma eleição sem sair de casa**. *A ascensão do populismo digital no Brasil*. Internet & Sociedade.

que impera na área da produção das tecnologias de ponta, sobretudo, na estruturas das plataformas de mídias digitais¹¹ ou ainda nas questões da visibilidade do empreendedorismo¹² negros nas mídias sociais. Nesses casos, igualmente, temos sinais evidentes de uma mudança epistemológica.

Considerações finais

Afinal, “Sociologia digital” ou “Sociologia *do* digital”? A escolha acaba recaindo na perspectiva de quem observa os fenômenos sociais. Entretanto, a primeira sugere uma mudança epistemológica e, sobretudo, metodológica, ao passo que a segunda indica que o foco está sendo colocado sobre o objeto de pesquisa, de tal maneira que a “Sociologia *do* digital” se apresenta como um subcampo da Sociologia. A opção pela terminologia “Sociologia digital” denota também uma intenção de autonomização do campo, e nesse sentido, ele acaba se constituindo como uma derivação das chamadas Humanidades digitais.

Uma vez que se pensa no paradigma das humanidades digitais, sugere-se que as Ciências sociais se tornem cada vez mais interdisciplinares (NASCIMENTO, 2016) e incluam em suas práticas colaborações com engenheiros e programadores informáticos. Há uma necessidade desses profissionais dialogarem na medida em que uns dominam a técnica computacional e outros, os conceitos que explicam a realidade social. Por certo, a definição do “social” ganha novos contornos uma vez que se considere que as interações *online* ocorrem não somente entre humanos, mas também entre humanos e robôs (GLASSEY, *idem*, p. 60). Glassey propõe que “adotemos uma reflexão que abre espaço aos desafios epistemológicos que desenham as relações de co-presença entre humanos e não-humanos *online*” (*idem*, p. 60). Citando os estudos de Boullier (2015), Beaudé (2017, p. 94) avalia a importância das Ciências Sociais de “terceira geração”¹³ focadas nos estudos relacionados às big datas e, portanto, aos fenômenos de traçabilidade e rastreamento que constituem uma nova dimensão do “relacional”. Esses efeitos

¹¹ Ver especialmente em SILVA, Tarcízio. (2019). Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. Vi Simpósio Internacional LAVITS, Salvador.

¹² Ver em OLIVEIRA, Taís. (2019). Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica: um estudo sobre o afroempreendedorismo no Brasil. Dissertação de mestrado, São Bernardo do Campo.

¹³ De acordo com Boullier (2015, p. 806), as Ciências Sociais de terceira geração têm como foco de pesquisa os fenômenos de traçabilidade/rastreamento e vibrações resultantes das interações *online*, os quais supõem que os indivíduos deixem vestígios e rastros de seus comportamentos nas plataformas digitais. Em contrapartida, as Ciências sociais de primeira geração se referem aos estudos dedicados ao conceito de sociedade [e suas derivações] tendo como maior expoente o sociólogo francês Emile Durkheim. Já as Ciências sociais de segunda geração se referem aos estudos sobre opinião pública, representatividade e mídias de massa.

se intensificam durante a crise do Covid-19 e são oferecidos como um modelo de gestão da pandemia onde governos e empresas privadas compartilham informações privadas sobre os usuários.

Por fim, não se pode esquecer o pano de fundo político por trás dessas interações. Existe uma disputa acerca da autenticidade nas redes sociais digitais na qual humanos mobilizam robôs sociais para detectar e denunciar as interações impulsionadas por outros robôs sociais. Portanto, a luta no regime da pós-verdade e na era das fake news consiste também, para os humanos *online*, em reconquistar um espaço cada vez mais ocupado pelos robôs sociais nas plataformas digitais: um espaço que originariamente era considerado como uma extensão da esfera pública. Mas a esfera pública não é feita das interações entre robôs e humanos, a esfera pública supõe debates entre cidadãos. Portanto, essa nova disputa remete, em definitivo, a uma recomposição da cidadania cada vez mais corroída no espaço público digital.

Referências

ABÍLIO, Ludimila Costhek. **Uberização do trabalho**. *Subsunção real da viração*. 2017. Acessado em 20 de junho de 2020: <http://passapalavra.info/2017/02/110685/>

_____. **Uberização**. *Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado*. *Psicoperspectivas*, 18(3). 2019. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674>

BEAUDE, Boris. **(re)Médiations numériques et perturbations des sciences sociales contemporaines**. *Sociologie et sociétés*, 49 (2), 83–111, 2017, <https://doi.org/10.7202/1054275ar>

BELL, Wendell. **The sociology of the future and the future of sociology**. *International Review of Sociology*. *Revue Internationale de Sociologie*, 9:3, 295-310, 1999. DOI: 10.1080/03906701.1999.9971317.

BOULLIER, Dominique. **Les sciences sociales face aux traces du big data**. *Revue française de science politique*, vol. 65, n. 5, 2015, p. 805-828.

CANI, Josiane Brunetti. **Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme**. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 242-267, maio/ago. 2019, DOI: 10.12957/periferia.2019.36955

CESARINO, Leticia. **Identidade e representação no bolsonarismo**. *Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal*. *Revista de Antropologia [USP]*, 2019, <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>

_____. **Como vencer uma eleição sem sair de casa**. *A ascensão do populismo digital no Brasil*. *Internet & Sociedade*, 2020.

CITTON, Yves. **L'économie de l'attention**. *RDL*, n. 11 — mai-JUIN 2013.

_____ (org.). **L'économie de l'attention: Nouvel horizon du capitalisme?** Éditions La Découverte, Paris, 2014.

GLASSEY, Olivier. **Repenser la sociologie du numérique à l'aune de notre vie commune avec les robots sociaux.** *Sociologie et sociétés*, 49 (2), 59–82, 2017, <https://doi.org/10.7202/1054274ar>

GUERREIRO, Anderson & SOARES, Neiva Maria M. **Os memes vão além do humor.** *Uma leitura multimodal para a construção de sentidos*, v. 12, n. 2, p. 185-208, Florianópolis, jul./dez. 2016, <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2016v12n2p185>

HARDING, Sandra. **¿Existe un método feminista?** 1998.

JAURÉGUIBERRY, Francis. **L'individu hypermoderne face aux big data.** *Sociologie et sociétés*, 49 (2), 33–58, 2017. <https://doi.org/10.7202/1054273ar>

LYON, David. **Cultura da vigilância.** *Envolvimento, exposição e ética na modernidade digital.* In: BRUNO, Fernanda ... [et. Al.]. **Tecnopolítica da vigilância: perspectivas da margem.** Trad. Heloísa Cardoso Mourão ... [et. Al.], 1. Ed. Boitempo, São Paulo, 2018.

MATOS, Teresa Cristina Furtado & Katembera, Serge Rhukuzage. **A informação terceirizada.** *Identidade e trabalho não pago na era do jornalismo digital.* *Comunicação e Sociedade* [online]. 2015, vol.28, pp.339-358. ISSN 1645-2089. [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28\(2015\).2285](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.28(2015).2285).

MISKOLCI, Richard. **Estranhos no paraíso.** *Notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco.* *Cadernos Pagu*, v. 47, 2016a.

_____. **Sociologia Digital.** *Notas sobre pesquisa na era da conectividade.* *Contemporânea*, v. 6, n. 2, p. 275-297 Jul.–Dez. 2016b.

MISKOLCI, Richard & FIGUEIREDO BALIEIRO, Fernando de. **Sociologia Digital.** *Balanço provisório e desafios.* *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol. 06, No. 12, Jan-Abr. de 2018.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech.** *A ascensão dos dados e morte da política.* Trad. Claudio Marcondes, Ubu Editora, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **A Sociologia Digital.** *Um desafio para o século XXI.* *Sociologias*, ano 18, n. 41, Porto Alegre, jan/abr 2016, p. 216-241

OLIVEIRA, Taís. **Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica.** *Um estudo sobre o afroempreendedorismo no Brasil.* Dissertação de mestrado, São Bernardo do Campo, 2019.

PELÚCIO, Larissa. **Narrativas infieis.** *Notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas.* *Caderno Pagu* (44), janeiro-junho de 2015, pp. 31-60.

REGATTIERI, Lorena Lucas. **Perfis ciborgues.** *Humanos-robôs e robôs-humanos nos ecossistemas de informação online.* VII° ReACT, Florianópolis, maio de 2019.

SILVA, Tarcízio (Org.). **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais.** *Olhares Afrodiaspóricos.* LiteraRUA, 1ª. Ed. São Paulo, 2020.

VAZ, Paulo. **Agentes na rede.** Lugar Comum, 7ª edição, 1999/1.

WAGNER, Peter. **The Future of Sociology.** *Understanding the Transformations of the Social.* *Quaderno* 43, 2009.

